

EXPEDIENTE

REITORIA	PROFA. DRA. ESTER REGINA VITALE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO	PROF. DR. ÉLCIO RIVELINO RODRIGUES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO	PROFA. DRA. KÁTIA JORGE CIUFFI
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO	PROFA. MA. ELIZABETE FERRO SOUSA TOUSO

NÚCLEO DE PROJETOS E PESQUISA EM DESIGN

COORDENAÇÃO	PROFA. MA. ANA MÁRCIA ZAGO
ORIENTAÇÃO	PROF. ESP. RODRIGO A. DE SOUZA
EXECUÇÃO	MATHEUS CUNHA DIVERNO

Catálogo na fonte Biblioteca Central da Universidade de Franca

F49p Figueiredo, Maria Flávia (org.)
Paixões aristotélicas / Maria Flávia Figueiredo, Gerardo
Ramírez Vidal, Luiz Antonio Ferreira, organizadores.
[Franca, SP]: Unifran, 2017. (Foco: linguística do texto e
do discurso, 2)
261 p.

ISBN 978-85-60114-66-5

1. Linguística. 2. Discurso. 3. Retórica I. Ramírez Vidal,
Gerardo (org.). II. Ferreira, Luiz Antonio (org.). III. Título.

CDU – 801:82-5

Paixões Aristotélicas

DESEJO E DESDÉM: AS PAIXÕES DA INVEJA, DA EMULAÇÃO E DO DESPREZO

Maria Flávia Figueiredo

Na retórica, ao contrário, as paixões passam por resposta a outra pessoa, e mais precisamente à representação que ela faz de nós em seu espírito. As paixões refletem, no fundo, as representações que fazemos dos outros, considerando-se o que eles são para nós, realmente ou no domínio de nossa imaginação.

(Michel Meyer)

Aristóteles (384-322 a.C.), quatro séculos antes de Cristo portanto, dedica a Parte II de sua obra *Retórica* ao estudo das paixões. Seu interesse pelo tema refere-se à sua convicção de que o bom orador, para ser capaz de persuadir, precisa, antes de tudo, conhecer seu auditório. E nada mais idiossincrático a um grupo ou a uma pessoa do que as paixões que os/as caracterizam.

Com vistas a adentrar nesse universo, em que o orador deve se debruçar para fazer surgir ou cessar as paixões que lhe convém, faremos, neste capítulo, uma incursão pelas paixões da inveja, da emulação e do desprezo.

O tratamento das três em conjunto não é, como veremos, de forma alguma, fortuito. Para realizar tal recorte, nos apoiamos na ideia de que, a depender de nossas disposições internas, os bens e as características alheias têm o poder de nos assujeitar às incontornáveis demandas das paixões.

Paixões Aristotélicas

Em cada um dos itens subsequentes, trataremos separadamente de cada uma das três paixões eleitas para compor este capítulo.

A INVEJA¹

A inveja [...] é a virtude democrática por excelência. As pessoas, por ela, tendem a manter a igualdade. Produz situações para evitar que um tenha mais direitos do que outros. [...] Então a inveja é, em certa medida, origem da própria democracia e serve para vigiar e corrigir o desempenho do sistema.²

(Fernando Savater)

Tão característica da natureza humana, e por essa razão, a paixão da inveja está presente, não só na realidade circundante, mas também nos mitos, nos contos, nas narrações, nos provérbios, no folclore, na cultura popular como um todo.

Na ânsia por descrevê-la, muitos autores, na esteira de Aristóteles, a ela se dedicaram. É o caso, por exemplo, de Ovídio [43 a.C – 17 ou 18 d.C.], Francis Bacon [1561-1626], Freud [1856-1939], Melanie Klein [1882-1960], Lacan [1901-1981], Francesco Alberoni [1929-atual], dentre muitos outros.

Enquanto Paul Valéry (1930, [s.d.]) versou “Se os olhares pudessem engravidar e matar, as ruas estariam cheias de mulheres grávidas

1 Parte do conteúdo aqui exposto em relação à paixão da inveja foi originalmente publicada no texto Olhos de Caim: a inveja sob as lentes da linguística e da psicanálise. (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2008. p. 181-197).

2 “*La envidia [...] es la virtud democrática por excelencia. La gente por ella tiende a mantener la igualdad. Produce situaciones para evitar que uno tenga más derechos que otro. [...] Entonces la envidia es en cierta medida origen de la propia democracia, y sirve para vigilar el correcto desempeño del sistema.*” (SAVATER, 2005).

Paixões Aristotélicas

e repletas de cadáveres”³, atribuindo, dessa forma, ao olhar o poder de criação e de destruição, Bacon (1985, p. 40), por sua vez, chegou a afirmar que “A inveja é a ejaculação dos olhos”. Essa definição nos remete à própria etimologia da palavra inveja, formada pelos étimos latinos *in* (dentro de) + *videre* (olhar), que indicam claramente o quanto esse sentimento alude a um olhar mau que entra dentro do outro. Essa alusão acabou por se disseminar em diferentes expressões populares, tais como *mau olhado*, *olho grande*, *olhar que seca pimenteira*, entre outras.

Uma outra significação etimológica possível seria: o prefixo *in* designa uma negativa, uma exclusão, de modo que *in* + *videre* pode traduzir a inveja a serviço do sujeito que se recusa a ver e a reconhecer as diferenças entre ele e o outro, uma vez que esse outro possui as qualidades de que ele necessita e que almeja ter (ZIMERMAN, 2001, p. 225).

Para Aristóteles (2003, p. 67), a inveja traduz-se no “pesar pelo sucesso evidente de que gozam os iguais”. A partir dessa conceituação, o filósofo grego identifica os invejosos e explica o porquê de assim o serem. Afirma, por exemplo, que as pessoas geralmente sentem inveja daqueles que são iguais ou parecidos com elas em aspectos como idade, classe social, proximidade, reputação e quantidade de bens. Por isso, é comum se invejar “aqueles que possuem ou possuíam as vantagens que deveriam caber-nos ou que um dia obtivemos; daí a inveja que os velhos sentem dos novos”. Por outro lado, declara ainda que “ninguém tem inveja daqueles que, aos nossos olhos ou aos olhos dos outros, nos são muito inferiores ou muito superiores”. Dentre eles, inclui os ambiciosos, porque nada lhes basta.

Como vemos, na descrição do filósofo, o que está em pauta é a comparação entre os indivíduos, o que estabelece sua simetria ou

³ “*Si les regards pouvaient enfanter ou tuer, les rues seraient remplies de femmes enceintes et jonchées de cadavres*”.

Paixões Aristotélicas

assimetria. Como evidência dessas possíveis relações, o estagirita discorre: “invejamos aqueles que nos envergonham, seja por suas aquisições, seja por seus êxitos, [...], pois assim fica claro que por falha nossa não obtemos o mesmo bem” (ARISTÓTELES, 2003, p. 69). Portanto, conclui com perspicácia: “todos aqueles que conseguiram um objetivo são invejados por aqueles que não o alcançaram ou falharam”.

Ovídio (1966)⁴, ao personificar poeticamente a inveja, é enfático e contribui sobremaneira para o propósito de nossas reflexões:

A inveja habita no fundo de um vale onde jamais se vê o sol. Nenhum vento o atravessa; ali reinam a tristeza e o frio, jamais se acende o fogo, há sempre trevas espessas [...]. A palidez cobre seu rosto, seu corpo é descarnado, o olhar não se fixa em parte alguma. Tem os dentes manchados de tártaro, o seio esverdeado pela bile, a língua úmida de veneno. Ela ignora o sorriso, salvo aquele que é excitado pela visão da dor [...]. Assiste com despeito o sucesso dos homens e esse espetáculo a corrói; ao dilacerar os outros, ela se dilacera a si mesmo, e este é seu suplício. (OVÍDIO, 1966, p. 770 e seg.)

A descrição do poeta latino evidencia a ligação entre a inveja e a pulsão de morte⁵, isto é, sua destrutividade constitutiva. Ao personificar a paixão com tintas tão vibrantes, ressalta que o estado de felicidade e de despreocupação nos deixa desatentos em relação à ação do outro. De algum modo, Ovídio (1966) resume um pensamento disseminado

4 Ovídio [43 a.C -17 ou 18 d.C.], poeta latino preferido pela sociedade mundana. Ainda em Roma escreveu sua obra de maior fôlego, *Metamorphoses: lendas da mitologia greco-latina*, composta de 15 volumes.

5 “Na obra de Freud, as pulsões de morte (Tânatos) se opõem às pulsões de vida (Eros), e retratam a dualidade que constitui o psiquismo humano. O gênio da Psicanálise, ao introduzir a concepção de pulsão de morte, a concebe como tendo a finalidade de manter uma redução de toda a carga de tensão orgânica e psíquica; logo, ‘uma volta ao estado inorgânico’. Essa pulsão pode permanecer dentro do sujeito (sob uma forma de fortes angústias e uma tendência para a autodestruição) ou para fora (pulsões destrutivas)” (ZIMERMAN, 2001, p. 272).

Paixões Aristotélicas

pela tradição cultural: os antigos gregos acreditavam que a felicidade demasiado prolongada, num homem, poderia provocar a inveja dos deuses. Por consequência, poderia recair sobre esse homem uma desgraça provocada pelo agir das próprias divindades. Em Ovídio (1966), a inveja é um espetáculo que corrói e que, ao dilacerar os outros, dilacera-se a si mesma. E este é seu suplício. Como se vê, há uma aversão milenar à inveja, justamente porque é a força que desdenha todos os sentimentos humanos, é a vilã contumaz de inúmeras histórias, é o labirinto complexo que nos conduz às vielas da devastação e da catástrofe. Considerada como um dos sete pecados capitais, a mais perversa das manifestações, cria inimigos e, quando o humano sente que não consegue vencê-la, vale-se do sobrenatural, do universo da magia para acalmá-la e, por isso, são comuns as rezas feitas, as frases de efeito, os amuletos, as simpatias e várias outras formas criadas para “espantar” esse monstro devorador.

Do ponto de vista psicanalítico, Freud fala da inveja como afeto presente no desenvolvimento sexual feminino, isto é, a inveja seria o “sentimento particular da falta” e se dá a partir do momento em que a menina sente falta do pênis e percebe que o sexo oposto o possui. Portanto, o que Freud denomina “inveja do pênis”⁶ é o processo que deriva do “complexo de castração”⁷. Freud afirmava que “só deveria falar de complexo de castração a partir do momento em que esta representação de uma perda estivesse relacionada ao órgão genital masculino” (ZIMERMANN, 2001, p. 66). Feldman e De Paola (1998), porém, nos lembram de que a inveja do pênis é apenas uma das várias expressões deste fenômeno. E será Melanie Klein quem conseguirá sistematizar e trazer para a área da Psicanálise grandes descobertas sobre essa paixão.

6 O conceito de “inveja do pênis” aparece pela primeira vez na obra freudiana Sobre as teorias sexuais das crianças (1976b).

7 “O conceito de ‘castração’ não corresponde à aceção habitual de mutilação dos órgãos sexuais masculinos, mas designa uma experiência psíquica completa, inconscientemente vivida pela criança por volta dos cinco anos de idade, e decisiva para a assunção de sua futura identidade sexual. O aspecto essencial dessa experiência consiste no fato de que, pela primeira vez, a criança reconhece, ao preço da angústia, a diferença anatômica entre os sexos” (NASIO, 1997, p. 13).

Paixões Aristotélicas

Segundo Zimmerman (2001, p. 225), Klein, um dos pilares da Psicanálise e sistematizadora de uma técnica própria para analisar crianças, estabeleceu um novo parâmetro técnico-analítico ao publicar, em 1957, a instigante obra *Inveja e gratidão*. Nesse trabalho, a autora postula sua polêmica concepção de inveja primária como um derivado direto da pulsão de morte. Para Klein, a pulsão de morte também é inata e está presente desde o início da vida, sob a forma de ataques invejosos e sádico-destrutivos contra o seio da mãe⁸. É nesse sentido que a autora chega a postular que inveja não é querer ter o que o outro tem, mas sim não querer que o outro tenha o que tem. Essa definição da psicanalista já é, de alguma forma, um prenúncio da distinção entre as paixões da inveja e da emulação, que buscaremos esclarecer ao longo do presente capítulo.

Klein (1991) demonstra que a inveja está na raiz dos sentimentos de amor e de gratidão, pois afeta a relação mais antiga que temos, isto é, a relação com a mãe⁹. Segundo a autora, os sentimentos de inveja e de gratidão são, ao mesmo tempo, opostos e interagentes, e ambos têm com seu primeiro objeto o seio nutridor (KLEIN, 1991, p. 205).

Ainda nessa obra, Klein (1991) descreve os diferentes aspectos da inveja, do ciúme e da voracidade, nas seguintes palavras:

Deve-se fazer uma distinção entre inveja, ciúme e voracidade. A inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável – sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou de estragá-lo. Além disso, a inveja pressupõe a relação do indivíduo com uma só pessoa e remonta a mais arcaica exclusiva relação com a mãe. O

8 O termo “seio”, empregado por M. Klein, “não deve ser levado ao pé da letra como significando concretamente a mama, antes disso, o significado de ‘seio’ é bem mais amplo, de modo que alude não só ao ato da amamentação, mas também aos demais cuidados maternos essenciais.” (ZIMMERMAN, 2005, p. 86).

9 Para Klein (1991), “o primeiro objeto a ser invejado é o seio nutridor, pois o bebê sente que o seio possui tudo o que ele deseja e que tem um fluxo ilimitado de leite e amor que guarda para sua própria gratificação.” (KLEIN, 1991, p. 214).

Paixões Aristotélicas

ciúme é baseado na inveja, mas envolve uma relação com, pelo menos, duas pessoas; diz respeito principalmente ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado, ou está em perigo de sê-lo, por seu rival. [...] A voracidade é uma ânsia impetuosa e insaciável, que excede aquilo que o sujeito necessita e que o objeto é capaz e está disposto a dar. A nível inconsciente, a voracidade visa, primariamente, escavar completamente, sugar até deixar seco e devorar o seio; ou seja, seu objetivo é a introjeção destrutiva, ao passo que a inveja procura não apenas despojar dessa maneira, mas também depositar maldade [...] dentro da mãe [...] a fim de estragá-la e destruí-la. Há uma diferença essencial entre voracidade e inveja, embora nenhuma linha divisória rígida possa ser traçada visto estarem estritamente associadas, desse modo, a voracidade está ligada principalmente à introjeção e a inveja à projeção. (KLEIN, 1991, p. 212)

Nessa passagem, destaca-se, a nosso ver, a diferença postulada pela autora entre inveja e impulso invejoso. A primeira refere-se ao sentimento que brota na pessoa que presencia a sorte de outra ao desfrutar de algo desejável, ao passo que o impulso invejoso refere-se ao próprio desejo que poderá desencadear o ato de extirpar este algo ou de estragá-lo.

Klein(1991) mostra também a conexão íntima entre ciúme, voracidade e inveja quando afirma, como ensinava Aristóteles, que a pessoa muito invejosa é insaciável; isto é, ela nunca pode ser satisfeita porque sua inveja brota de dentro e, portanto, sempre encontra um objeto sobre o qual focalizar-se (KLEIN, 1991, p. 213). A esse respeito, o poeta Miguel de Unamuno (*apud* PIOVANO, 2007, p. 19) chega a afirmar: “A inveja é mil vezes mais terrível do que a fome, porque é fome espiritual”.

De acordo com Feldman e De Paola (1998), Freud (1976b), no trabalho *Sobre as teorias sexuais das crianças*, postulou que as meninas, em decorrência da falta do pênis, se sentem tratadas de forma injusta; já na obra *Sobre a interpretação dos sonhos*, Freud (2012) afirma que muitas

Paixões Aristotélicas

mulheres neuróticas se sentem em desvantagem e humilhadas pela falta do pênis. Sob essa ótica, é possível perceber que Freud (2012) deu maior ênfase à ação feminina frente à falta do objeto e o desejo de obtê-lo. Melaine Klein (1991), por sua vez, foi quem conceituou a inveja como constitucional e se dedicou a estudar o processo desse afeto na criança.

Considerando os postulados desses dois grandes expoentes da Psicanálise, Freud (1976b) e Klein (1991), a respeito da inveja, podemos traçar o seguinte paralelo: enquanto Freud (1976b) sistematizou o conceito de “inveja do pênis”, Klein (1991) demonstrou que, sob o predomínio dos desejos orais, o pênis é fortemente equiparado ao seio e a inveja feminina do pênis pode ter sua origem remontada à inveja do seio da mãe.

Ainda no âmbito psicanalítico, enquanto para M. Klein a inveja é inata, para Lacan, ela se forma precocemente à medida que o “paraíso simbiótico”¹⁰ vai se desfazendo e, conseqüentemente, acaba surgindo a necessidade de se depender de pessoas do ambiente exterior real (ZIMERMAN, 2001, p. 225).

Outro conceito psicanalítico de grande valia para o presente estudo foi muito bem sistematizado por Elyseu Júnior (2003), em artigo intitulado “Complexo fraternal: a fonte do ciúme e da inveja”. Para discorrer acerca desse complexo, o autor parte da concepção de Freud acerca do complexo de Édipo. Elyseu Júnior (2003) recorda que o complexo de Édipo, citado pela primeira vez, em 1897, numa carta de Freud a Fliess, é o desejo de morte ao rival do mesmo sexo e o desejo libidinal à figura do outro sexo. Esse mesmo complexo foi sintetizado por Laplanche e Pontalis (1970, p. 116) da seguinte maneira: “conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta relativamente aos pais”.

10 A expressão “paraíso simbiótico” se refere ao período em que a criança ainda se sente fundida com a mãe. “Na concepção lacaniana, a castração não se define somente pela ameaça provocadora da angústia do menino, nem pela constatação de uma falta na origem da inveja do pênis na menina; ela se define, fundamentalmente, pela separação entre a mãe e a criança.” (NASIO, 1997, p. 36-37).

Paixões Aristotélicas

O complexo fraternal, por sua vez, é uma variante do complexo de Édipo, e, segundo Freud (1976b), é a hostilidade que a criança manifesta em relação aos irmãos (rivais), despertada pela ocorrência ou pela possibilidade de perda ou divisão entre si dos carinhos dos pais. Essa hostilidade pode ser entendida a partir da seguinte afirmação:

Quando outras crianças aparecem em cena, o complexo de Édipo avoluma-se em um complexo de família. Este, com novo apoio obtido a partir do sentimento egoístico de haver sido prejudicado, dá fundamento a que os novos irmãos e irmãs sejam recebidos com aversão, e faz com que, sem hesitações, sejam, em desejos, eliminados. (FREUD, 1976a, p. 389-390)

Como podemos perceber, nesses dois complexos a conduta da criança é basicamente a mesma: a sua sexualidade é dirigida a um dos pais, enquanto que a sua hostilidade é dirigida ao pai do outro sexo (no complexo de Édipo) e aos irmãos (no complexo fraternal). Esse nível de paridade nos remete à condição necessária para que a inveja se instale, pois, segundo Aristóteles (2003, p. 67), dentre outras razões, “sentimos inveja dos que nos são iguais por nascença [...]”.

Como atesta o tão produtivo conceito freudiano de complexo de Édipo, a inveja se faz presente nas mais diversas situações de disputa, o que acaba por assegurar a sua universalidade entre os indivíduos. Vejamos, então, se a próxima paixão a ser analisada atinge também tamanho grau de generalização entre as pessoas na cotidianidade.

A EMULAÇÃO

Identidade e diferença, supostas ou reais, eis o que na verdade parece governar a estrutura aristotélica das paixões. Estas,

Paixões Aristotélicas

afinal, revelam simetrias impossíveis, resultam do fato de os homens serem diferentes até quando buscam uma identidade.

(Michel Meyer)

Identidade almejada e diferença camuflada. Assim parece se constituir a realidade com que se depara o invejoso. Por essa razão, penso que sentimos inveja quando, cientes da nossa incapacidade de trilhar as rotas necessárias para atingir as metas desejadas, temos o desejo oculto de encontrar um atalho. Obviamente, esse atalho jamais nos conduzirá aos lugares que almejamos, e é exatamente esse aspecto que distanciará a inveja da emulação.

Diferença sentida e identidade almejada: eis o que caracteriza a paixão da emulação. Sobre ela, Aristóteles (2000) discorre no item 11 do livro II de sua *Retórica*. Começa, pois, por descrevê-la e, logo no início, nos fornece a seguinte definição: a emulação é “certo pesar pela presença manifesta de bens valiosos que nos é possível adquirir, sentido com respeito aos que são por natureza nossos semelhantes, não porque esses bens pertencem a um outro, mas porque não nos pertencem também” (ARISTÓTELES, 2000, p. 71).

Como vemos, tal definição também poderia se referir à paixão da inveja. Porém, o estagirita adverte: a emulação (ou competição) “é um sentimento digno e próprio de pessoas dignas, enquanto a inveja é vil e peculiar aos espíritos vis” (ARISTÓTELES, 2000, p. 71), uma vez que os emuladores se dispõem, por meio da emulação, a obter os bens que almejam, os invejosos buscam, tomados pela inveja, impedir que o outro os possua.

Para melhor entender a maneira com que as pessoas são afetadas pela emulação, o filósofo enumera, então, os três fatores que precisam ser observados para o entendimento das paixões: a) a condição na qual a pessoa se encontra (ou seja, sua disposição interna); b) por quem

Paixões Aristotélicas

ela sente tal paixão (isto é, seu objeto); e c) os motivos que despertam tal sentimento. Quanto ao primeiro fator, o estagirita esclarece: “são inclinados à emulação os que se julgam dignos de bens que não possuem (sendo-lhes possível adquiri-los)” (ARISTÓTELES, 2000, p. 71), por isso esse sentimento incide mais sobre os jovens. No que se refere ao segundo fator, podemos observar que, são alvos ou objeto de emulação, os homens virtuosos e honrados que possuem bens tais como: riqueza, cargos públicos, grande número de amigos, ou aqueles que são julgados como dignos desses bens, ou mesmo aqueles que provêm de famílias, cidades ou nação que, por algum motivo, foram dignificadas. Para finalizar, conclui o filósofo que todos os bens honrosos – virtudes, assim como tudo o que é útil e benévolo – são necessariamente objeto de emulação. Ademais, a beleza e a riqueza, mais do que a saúde, são alvos dessa paixão. Já no que se refere ao terceiro fator, isto é, os motivos que fazem com que tal sentimento seja despertado, observamos, na esteira de Aristóteles (2000), que os bens citados fornecem, àquele que os possui, certas regalias; por exemplo, uma pessoa sábia, corajosa e que tem autoridade torna-se objeto de emulação porque, por meio dessas qualidades, pode fazer bem a muitos. Ademais, passa a ser admirada e elogiada pela comunidade, além de despertar nos demais o desejo de se tornarem amigos ou dela se aproximarem.

Mediante tais descrições, fica evidente a profunda relação entre as paixões da inveja e da emulação. O que as diferenciará será apenas o desejo e autoavaliação daqueles que por elas forem acometidos. No caso do invejoso, seu desejo será destrutivo em relação ao objeto que lhe despertou a paixão. Por outro lado, o emulador tomará esse objeto como modelo e traçará caminhos para também adquiri-lo, demonstrando, portanto, uma atitude construtiva. Em termos psicanalíticos, podemos dizer que, enquanto os primeiros se deixam levar por uma pulsão de morte, os segundos são tomados pela pulsão de vida. Esse raciocínio nos conduz a refletir sobre a avaliação que cada um desses indivíduos faz de si. O invejo se considera incapaz de trilhar o caminho rumo ao objeto de

Paixões Aristotélicas

desejo, o que explica a frase do sociólogo italiano, Francesco Alberoni (1991): “*ricorda che le persone inutite hanno bisogno de sminuire gli altri per sentirsi migliori*”¹¹. Devido a sua baixa autoestima, os invejosos só veem a alternativa de destruir os seus objetos de desejo, já que se consideram incapazes de alcançá-los. O emulador, de sua parte, demonstra uma crença em sua capacidade interior ao ver-se apto a trilhar o caminho inevitável para atingir seus objetivos.

Na linguagem popular, é comum ouvirmos a expressão “inveja branca” em relação ao sentimento de emulação.¹² Nesse contexto, o adjetivo “branco” assume a acepção de suave, inofensivo, ou seja, que não causará dano à pessoa ou ao objeto invejado. Essa alternativa, encontrada pela comunidade de falantes do português do Brasil, atesta o fato de que a palavra “emulação” não teve, em nosso idioma, uma forte adesão. Esse termo, apesar de constar nos dicionários e fazer, portanto, parte do vocabulário da língua, não se encontra amplamente disseminado no contexto brasileiro. Talvez sua conexão conceitual com a palavra inveja o tenha relegado ao ostracismo. Como nos lembra, mais uma vez, Alberoni (1991), na obra *Gli invidiosi*, “podemos descrever o nosso ódio, o nosso ciúme, os nossos medos, as nossas vergonhas, mas não a inveja”.

Na língua portuguesa, encontramos, sim, com mais frequência alguns outros vocábulos que atuam, em alguns contextos, como sinônimos do termo “emulação”. É claro que nenhum deles apresenta uma equivalência perfeita, mas, de alguma forma, remetem à ideia que a paixão aristotélica busca abarcar. É o caso dos termos “competição” e “concorrência”, amplamente utilizados no âmbito das disputas mercadológicas e nas esferas econômicas e de *marketing*.

11 “Recorda que as pessoas inúteis têm necessidade de diminuir os outros para se sentirem melhor”. (ALBERONI, 1991, tradução nossa).

12 Com esse uso, um enunciado possível seria: “Nossa, me deu até inveja! Mas fique tranquilo, é uma inveja branca, viu?”.

Paixões Aristotélicas

Vejam, finalmente, a etimologia do termo: do latim “*aemulatio, onis*”, que designa a atitude daquele que procura emparelhar-se, imitar, seguir o exemplo de, tentar superar ou igualar-se a, competir. A esses verbos vincula-se a ideia de que essas ações são geralmente praticadas “geralmente em sentido moralmente sadio, sem sentimentos baixos ou violência” (HOUAISS, 2009).

Passemos, então, à caracterização da terceira e última paixão que constitui o tripé relacionado aos sentimentos despertados pela contemplação do espetáculo produzido pelos bens ou pelas características de que os outros gozam.

O DESPREZO

*Muitos conseguem suportar
a adversidade, mas poucos
toleram o desprezo.*

Thomas Fuller [1608-1661]

Após fazer uma descrição abrangente acerca do caráter daqueles que podem se tornar alvo da emulação, por trazerem características que valem a pena ser imitadas, Aristóteles (2003) finaliza seu capítulo 11 do livro II da *Retórica* alertando para o fato de que todos aqueles que possuem caráter oposto serão, então, objeto de desprezo. Com esse raciocínio, o filósofo toma o desprezo como contrário à emulação, ou seja, desprezar é o oposto de sentir emulação.

Assim, aqueles que já estão dispostos a invejar ou ser invejados, ou seja, que se encontram nesse estado de ânimo, “tendem a desprezar todas as pessoas e todos os objetos que apresentem os males contrários aos bens dignos de inveja” (ARISTÓTELES, 2003, p. 73). Daí a possibilidade de aqueles que têm sorte, mas não são honrados, tornarem-se objeto de desprezo. Por essa razão, enfatiza Michel Meyer (2000, p. XLVIII), em prefácio à edição bilíngue (grego-português), *Retórica das paixões*:

Paixões Aristotélicas

o desprezo “pressupõe que o outro não merece as boas coisas que tem porque, realmente, é inferior a seu próprio destino, por assim dizer”.

Podemos, com essa explicação, nos remeter ao sentido do verbo desprezar, que, por sua morfologia, evidencia: o sufixo “des-” (que equivale a “oposição, negação ou falta”) se junta ao verbo “prezar” (que significa “ter grande apreço ou consideração por, estimar, querer para si, desejar, almejar”), criando, por conseguinte, o sentido de “não ter qualquer apreço”, desconsiderar, não desejar nem querer para si”. Esse seria, portanto, o significado da paixão do desprezo.

Nesse jogo de oposições entre os sentimentos de inveja, emulação e desprezo, Meyer (2000, p. XLVI) assim os sintetiza:

A inveja dirige-se para os iguais, assim como a emulação; a inveja quer tirar do outro o que ele tem, a emulação quer imitá-lo. São reações que tendem a prolongar a simetria ou criá-la, visto que uma deseja gerar a diferença, a outra, a identidade. O desprezo, deve-se dizê-lo, tende para a ruptura.

Esse excerto nos revela alguns pontos esclarecedores. O mais relevante deles talvez seja a ideia de que, enquanto a inveja e a emulação visam à simetria, o desprezo tende à ruptura, a necessidade de aumentar a distância entre os indivíduos; nesse caso, agirá com desprezo somente aquele que se pretende superior ou mais forte, não igual. Além disso, a diferença precípua entre a inveja e a emulação reside na atitude daquele que as sente, ou seja, destrutiva no primeiro caso e construtiva no segundo. Esse raciocínio nos fornece uma interessante revelação a respeito desses sujeitos “apaixonados” (em sentido aristotélico): “as paixões são ao mesmo tempo modos de ser (que remetem ao *ethos* e determinam um caráter) e respostas a modos de ser ([isto é ,] o ajustamento ao outro)” (MEYER, 2000, p. XLVII).

Paixões Aristotélicas

Para finalizar nossa reflexão acerca dessa paixão aristotélica, vale lembrar que Meyer (2000, p. XLVII), diferentemente de Aristóteles, não opõe o desprezo à emulação, mas, sim, à cólera. Para o autor, o contrário da emulação seria a calma indiferente, e esse sentimento opõe-se preferencialmente à cólera. Também Aristóteles (2000, p. 13, grifos nossos), ao refletir sobre a relação entre essas duas paixões, toma o desprezo como precursor e catalisador da cólera e, assim, declara: “**Encolerizam-se** também com aqueles que habitualmente os honram ou os consideram, quando já não se comportam da mesma maneira, pois então creem ser **desprezados** por eles”. Essa afirmação aristotélica nos evidencia o vínculo existente, e por que não dizer necessário, entre as paixões e as crenças. Pois, como explicita o excerto, apenas a crença de ser desprezado já funciona como gatilho suficiente para o despertar da cólera. Não é, portanto, por acaso que Aristóteles explicita que as emoções se sustentam em impressões, aparências (fantasias), crenças (COOPER, 1996, p. 246).

Mediante a breve exposição dos aspectos que caracterizam as paixões da inveja, da emulação e do desprezo, teceremos, no item que se segue, algumas de nossas reflexões finais sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início o pathos é, então, uma simples qualidade, o sinal da assimetria que prevalece na proposição e a define. Lugar de uma diferença a superar na identidade e pela identidade do sujeito, o pathos é tudo o que não é sujeito e, ao mesmo tempo, tudo o que ele é.

Michel Meyer

Paixões Aristotélicas

A descrição de três das paixões aristotélicas em conjunto nos permitiu um entendimento um pouco mais preciso daquilo que o estagirita tentou captar no interior da alma humana com vistas a elucidar as marcas constitutivas de um auditório, o seu *pathos*.

Buscar entender a instância do *pathos* implica enveredar-se por um universo em que as idiosincrasias que compõem os sujeitos possam vir à tona. Como nos instrui Martins (1999, p. 73), “Somos simpáticos ou antipáticos com aquilo que nos é familiar. [...] Nos dois casos estamos implicados como sujeitos”.

Compreender, pois, as paixões, significa estar disposto a descobrir o Homem e adentrar no “solo comum e possível no qual o sujeito se move para construir a sua humanidade.” (MARTINS, 1999, p. 79). É o que, de forma modesta, buscamos empreender neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ALBERONI, Francesco. *Gli invidiosi*. Milano: Garzanti, 1991.

ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Prefácio de Michel Meyer. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BACON, Francis. *The essayes or counsels, civill and morall*. Edited by Michael Kiernan. Oxford: Clarendon Press, 1985.

COOPER, Cooper, John Madison. An aristotelian theory of the emotion. In: RORTY, Amelie Oksenberg (Ed.). *Essays on Aristotle's Rhetoric*. Berkeley: University of California Press, 1996. p. 238-257.

ELYSEU JÚNIOR, Sebastião. Complexo fraternal: a fonte do ciúme e da inveja. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 5, n. 2, p. 55-66, 2003.

FELDMAN, Eliahu; DE PAOLA, Heitor. Uma investigação sobre o conceito de inveja. *Revista Brasileira de Psicanálise (ABP)*, v. 32, n. 2, 1998.

Paixões Aristotélicas

FIGUEIREDO, Maria Flávia; FERREIRA, Luiz Antônio. Olhos de Caim: a inveja sob as lentes da Linguística e da Psicanálise. In: FIGUEIREDO, M. F.; MENDONÇA, M. C.; ABRIATA, V. L. R. (Orgs.). *Sentidos em movimento: identidade e argumentação*. Franca: Unifran, 2008. p. 181-197. (Coleção Mestrado em Linguística, 3)

FREUD, Sigmund. Sobre as teorias sexuais das crianças. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, v. 4, 1976b. p. 213-228.

_____. *A interpretação dos sonhos*. Tradução de Renato Zwick. São Paulo: L&PM, 2012.

_____. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de José Luís Meurer. Rio de Janeiro: Imago, v. 16, 1976a. p. 375-395.

FULLER, Thomas. Frases de Thomas Fuller. Disponível em: <<https://citacoes.in/autores/thomas-fuller/>>. Acesso em: 28 out. 2017.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico*. Rio de Janeiro: Houaiss/Objetiva, 2009.

KLEIN, Melaine. *Inveja e gratidão: e outros trabalhos 1946-1963*. Coleção Psicologia Analítica. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Obras completas de Melanie Klein, III)

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

MARTINS, Francisco. O que é *phatos*? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 62-80, Oct./Dec. 1999.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. (Prefácio). In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVI-L1.

NASIO, Juan David. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

OVÍDIO, Públio Naso. *Metamorphoses: lendas da mitologia greco-latina* (v. II). 1966.

PIOVANO, Gladis Mabel Tripcevich. *Envidia: ¿roca viva o un enigma de la clínica y el ser social? Un estudio psicoanalítico para intentar su revelación*. Buenos Aires: Dunken, 2007.

SAVATER, Fernando. *Los siete pecados capitales*. Buenos Aires: Sudamericana, 2005.

Paixões Aristotélicas

VALÉRY, Paul. Aphorismes. *La Nouvelle Revue Française*, Paris, a. 18, n. 204, sept. 1930. Disponível em: <file:///C:/Users/mflavia/Downloads/la-nouvelle-revue-francaise-n-204-septembre-1930.pdf>. Acesso em: 28 out. 2017.

ZIMERMAN, David Epelbaum. *Psicanálise em perguntas e respostas: verdades, mitos e tabus*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2001.